

PERCURSO PEDESTRE VOLTA DAS PENHAS DOURADAS

Duração: 4 Horas

Grau de Dificuldade: Fácil

Tipo de Percurso: Circular



DAS PENHAS DOURADAS

EXPEDITION DESIGN HOTEL



1 km



PERCURSO PEDESTRE

VOLTA DAS PENHAS DOURADAS



Duração: 4 Horas

Grau de Dificuldade: Fácil

Tipo de Percurso: Circular

Percurso pedestre Penhas Douradas e seus miradouros, Fragão do Corvo, Vale das Éguas, Lagoa do Vale do Rossim e Corgo das Mós. O percurso está assinalado com marcas amarelas em postes, penedos, "mariolas" (pedras sobrepostas utilizadas pelos pastores para marcação de trilhos) e em pilaretes de madeira.



Tenha em atenção que ao longo do seu percurso poderá encontrar marcações de outros percursos pertencentes à Casa das Penhas Douradas como o Azul e Vermelho ou marcações de P.R. (Pequena Rota) e G.R. (Grande Rota). Partes do percurso poderão coincidir com outras marcações, deverá no entanto ter sempre em atenção em seguir a sua rota consoante as indicações.

O percurso inicia-se na Casa das Penhas Douradas.

Do parque de estacionamento da Casa siga para a capela de Nossa Senhora da Estrela, mesmo ao lado. Espreite para dentro da capela e veja a imagem de Nossa Senhora com a estrela na mão...Se a capela estiver aberta, entre, porque estará, nestas altitudes, certamente mais perto do céu...e sinta a presença silenciosa de Deus...

Encontra a primeira marca no poste da EDP mesmo junto à capela. Desça a escadaria da capela até à estrada, vire à direita e siga estrada abaixo. Vai passar à sua direita pelos desvios para o Fragão do Corvo e Vale das Éguas. Não faça caso. Continue sempre em frente.

Adiante, junto à curva (à esquerda) da estrada, vai encontrar algum casario típico das Penhas Douradas. Espreite entre as casas e descubra o penedo da cabeça do cão...Visto o animal, repare do lado direito da estrada na Casa da Fraga, em ruínas, aninhada dentro de uns enormes penedos de granito (ou poios como por aqui se diz) que lhe servem de paredes e cobertura. Foi morada de César Henriques, o primeiro habitante das Penhas Douradas, que escolheu este local, em finais do século XIX, a mando do seu médico, o famoso Dr. Sousa Martins, para se restabelecer de uma tuberculose que o perseguia havia anos. Tome o caminho de pé posto que se inicia entre a Casa da Fraga e um chalet de madeira ao lado, que se encontra, infelizmente, em muito mau estado. Era conhecido pelo chalet da Bela Vista. Morreu quando lhe tiraram a vista magnífica que tinha sobre o Vale de Manteigas. Afinal as casas também morrem de desgosto...

O carreiro leva-o através de uma floresta belíssima de pseudotesugas. Percorridos cerca de 200 metros na floresta vai chegar a um cruzamento de caminhos. Tome o caminho da direita seguindo as marcas respectivas. O Fragão do Corvo é um penedo enorme encimado por um marco geodésico e por um miradouro fantástico sobre a Vila de Manteigas. À medida que for evoluindo no caminho, que se vai estreitando até se tornar num pequeno carreiro, vai observar à sua frente e bem no alto o dito Fragão. Não desespere porque o caminho é mais fácil do que parece e sem riscos. Upa, upa. O acesso ao miradouro faz-se por uma escada tosca talhada na rocha a que se segue uma passagem estreita entre penedos. Vencida esta, abre-se à sua frente uma varanda sobre uma paisagem deslumbrante. O esforço da subida valeu a pena. À sua esquerda tem o Observatório Meteorológico das Penhas Douradas que desde 1875, e diariamente, nos diz do tempo que faz no Portugal alto. Bem mais distante, à sua esquerda também, poderá ver o planalto de S. Romão, cultivado de centeio, e ao longe o bonito e suave vale do Rio Mondego.

À sua frente e a seus pés tem a Vila de Manteigas, hoje branca, outrora negra do granito das casas... Poderá ver o Rio Zêzere, rio audaz e cheio de fibra, nasce no alto dos Cântaros, atravessa o Vale Glaciar, percorre a Vila e segue Beiras abaixo até lhe ser barrada a passagem em Constância pelo Tejo que o impede de desaguar no mar... o seu colega de Serra, o Mondego, rio de donzelas e de poetas piegas, tem melhor sorte, assim se provando que nem sempre a sorte protege os audazes... Desça do pedestal e siga o carreiro que tem à sua frente que passa ao lado da Casa do Dr. Afonso Costa, republicano conspirador em tempos de monarquia, que, dizem as más-línguas, se refugiava nestas paragens em reuniões carbonárias e altamente conspirativas (tanto quanto a altitude do dito Fragão, precisamente a 1448 metros). Detenha-se um pouco sobre esta Casa, exemplar interessante da mais pura arquitetura suíça de meados do século XIX, com uma volumetria invulgar que indicia ter sido ampliada. Acabou por influenciar ao de leve alguns dos principais chalets das Penhas Douradas que, no entanto, se refugiaram numa arquitetura lusitana de montanha que nada fica a dever à sua congénere alpina. Pena é que parte significativa desses chalets se vá degradando. Onde há muitos herdeiros, não há donos...

Passada a casa, o caminho sobe um pouco até a um pequeno largo onde se situa uma casa propriedade do Estado, actualmente na

PERCURSO PEDESTRE

VOLTA DAS PENHAS DOURADAS

Duração: 4 Horas

Grau de Dificuldade: Fácil

Tipo de Percurso: Circular



posse de uma inquilina desmazelada, a Direcção Geral das Florestas. Outrora foi guarida dos temíveis Guardas Florestais da Serra da Estrela, ostentando ainda o símbolo das Matas Nacionais (MN) numa das suas paredes. Outros tempos, outros inquilinos...

Uns metros antes de chegar ao referido largo, junto a um poste de alta tensão, o caminho inflecte à esquerda num pequeno trilho que desce passando pelo lado oposto da Casa do Dr. Afonso Costa e entronca, decorridos uns 50 metros, num pequeno carreiro que se toma à direita e que penetra numa floresta encantada onde habitam colónias de simpáticos esquilos. Ao entrar na floresta, uns metros à frente, vai encontrar uma bonita fonte. Refresque-se porque a água é puríssima.

O trilho segue à esquerda uns metros acima da fonte sempre dentro da floresta. Siga-o com atenção e sem receios (à sua esquerda, mais acima, a cerca de 30 metros passa uma estrada alcatroada...) O trilho vai subindo um pouco e descendo um pouco ao longo da floresta desemboca numa Casa grande de granito, com uma posição privilegiada, a Casa Jones, em tempos pertença de um súbdito de Sua Majestade apaixonado por estas altitudes e agora propriedade do Parque Natural da Serra da Estrela.

A partir do largo da Casa tome a estrada de alcatrão que o leva, uns metros à frente ao entroncamento com outra estrada também de alcatrão onde irá virar à esquerda. Antes repare nos interessantes chalets que tem à sua frente. Encolhida atrás desses chalets, ao alto, está uma casa famosa, a Arca de Noé, casa de madeira negra e telhado de zinco, morada de Verão (e não só) de alguns dos nossos mais importantes (e mediáticos) Bispos e Cónegos que viram, ainda seminaristas, neste nosso Monte Hermínio grandes afinidades, diluvianas e não só, com o seu irmão mais alto e mais velho, o Monte Ararat...E com muita razão. As Penhas Douradas são o local mais alto do País onde mais chove... E também o mais mítico.

Continue estrada acima mais uns metros até terminar o alcatrão. Entre no estradão de terra batida. Aí começa o famoso Vale das Éguas. Dizem os antigos que os fogosos cavalos lusitanos nasciam de éguas serranas fecundadas pelo vento fortíssimo que se fazia sentir nesse vale... é uma lenda. Mas se por acaso passar no Vale das Éguas num dia de vento, muito provavelmente começará a acreditar nestas lendas...

O Vale das Éguas é um vale muito suave. Belíssimo. Cheio de curiosidades. Blocos de granito de formas estranhas. Afloramentos de quartzo branco e rosa. Bosques de espécies variadas. Local de pastorícia no Verão. Miradouros únicos...

Inicie então a sua caminhada no estradão. Alguns metros à frente, do seu lado esquerdo, mesmo à beira do caminho, está uma gigantesca "cabeça decapitada" (é preciso ter espírito de observação e alguma imaginação para a descobrir...), e logo adiante, do seu lado direito, mais ao longe, pode ver um bloco de granito cortado às fatias, qual "pão de centeio" destas paragens.

Um pouco à frente, do lado esquerdo do estradão, vai encontrar um caminho que o leva a uma corte de granito, bem à vista, local de pernoita de ovelhas, pastor e cão incluído, em tempos de Verão. Um hotel de muitas estrelas, tantas quantas há no céu... Serra acima estes abrigos são bem mais franciscanos. Passada a corte, do seu lado direito pode descobrir (ou tentar descobrir) um enorme bloco de granito sobre o comprido com a forma de um "cherne". Não o siga, como sugeria Alexandre O'Neil no seu conhecido poema. Mantenha o rumo. A uma centena de metros à sua frente (mais coisa, menos coisa), no termo do caminho, vai aperceber-se de um afloramento de quartzo branco e rosa, que os pastores chamam "seixo branco", que irrompe no meio do granito negro. Fenómeno estranho. Aí chegado pode apanhar do chão uma pedrinha branca ou rosa (só uma) e leve-a consigo.

A próxima paragem é num miradouro curiosíssimo, a quem as crianças da Casa chamam a "varanda do chimpanzé", algumas dezenas de metros à frente. O caminho é quase plano com vegetação muito rasteira, sem carreiro, também sinalizado com as nossas marcas amarelas. Com o "seixo branco" nas suas costas caminhe então para nascente (no sentido do imenso vale do rio Zêzere que tem à sua frente e que corre 800 metros abaixo dos seus pés...). Mesmo diante de si tem uma formação rochosa com uma abertura a meio. Dirija-se a essa "varanda". À medida que se vai aproximando, uma grande cabeça de chimpanzé vai aparecendo, como que saída do chão. Tem os requisitos todos: olhos, nariz, boca... Acheque-se e esgueire-se entre as rochas e suba para a laje de granito com meio metro de altura que aí está e mire Manteigas bem do alto. Impressionante. Olhe para o seu lado esquerdo e observe o Frágão do Corvo onde esteve há pouco. (Será que andei assim tanto?...) É altura de descansar e de ver, melhor dito, de contemplar a paisagem. O casario. O rio. As serras de cá e de lá com Gredos ao longe. Espanha. Aproveite para beber o café ou chá que traz na sua mochila, a menos que um arrelhiador esquecimento da Casa o esteja agora a privar de tão grande prazer... As desculpas aqui ficam, se for o caso.

Regresse ao "seixo branco" e tome o trilho assinalado à sua esquerda, seguindo as marcas e as "mariolas". Adiante, seguindo o trilho,

PERCURSO PEDESTRE

VOLTA DAS PENHAS DOURADAS

Duração: 4 Horas

Grau de Dificuldade: Fácil

Tipo de Percurso: Circular



do seu lado direito, vai avistar um pequeno bosque com inúmeras espécies, entre as quais a bétula celtibérica que amavelmente se dispôs a forrar a Casa das Penhas Douradas... Pode explorá-lo. É muito bonito. Estará lá uma mesa de picnic e umas confortáveis cadeiras de granito à sua espera. Deixe-se ficar por uns momentos.

Olhe para trás e veja o “seixo branco”. Um pouco à direita vai ver uns grandes blocos de granito por onde passou atrás. Se bem reparar um desses blocos lembra bem um “narigudo” apoiando a sua cara numa mão...

O trilho segue junto à referida mesa. Sai do bosque pela esquerda do cervum (o prado sub alpino que tem à sua frente, que só se encontra em altitude na Serra da Estrela, e que faz as delícias dos rebanhos de ovelhas que dele se alimentam, dando ao seu leite as características que fazem do queijo da Serra o melhor queijo do mundo...) e siga agora os pilaretes de madeira, que o bordejam (não é fácil andar no cervum, como verificará...)

O trilho vai levá-lo a um pequeno e suave vale, atravessado por algumas linhas de água, que, no Verão, podem estar secas ou quase. Depois sobe, tendo à sua direita o casario típico das Penhas Douradas, sempre aninhado a enormes penedos (ou poios, como são conhecidos nestas paragens). Repare ao alto na Casa da Águia, uma das primeiras e bem preservadas casas das Penhas Douradas. E vá subindo. Não se admire se o trilho o leve por entre os poios. É mesmo assim.

Chegado ao cimo, o trilho segue à esquerda. Vai avistar a magnífica albufeira do Vale do Rossim. Será esse o seu próximo destino. As “mariolas” vão ajudá-lo nessa suave descida.

O trilho vai desaguar já muito perto da lagoa junto a um poio onde poderá subir para apreciar o espelho de água que tem diante de si. Na Primavera e no Verão o nível da lagoa é alto. No Outono e Inverno o nível da lagoa pode estar bastante baixo de forma a poder receber a água das chuvas que caem nessa altura do ano. O dito poio contorna-se pela esquerda, seguindo o trilho marcado. Desça então e vá olhando para as formações do dito poio até descobrir o busto do Presidente Pompidou. Não perca este capricho da natureza... Depois, se for Verão, atire-se para dentro de água. A temperatura é magnífica, podendo atingir os 23 graus...de fazer inveja a qualquer praia algarvia.

O caminho segue agora ao longo da margem direita da albufeira (tendo como referência o paredão que se vê ao fundo) durante cerca de meio quilómetro. À sua direita vai encontrar então dois penedos, um ao lado do outro, assinalado cada um com duas marcas amarelas em paralelo. O trilho vai retomar-se entre esses penedos e sobe algumas dezenas de metros até chegar à estrada de alcatrão que acompanha toda a albufeira. Atravesse a estrada e continue a subir, agora num trilho um pouco mais íngreme. Sigas as “mariolas” e as marcas amarelas. Upa, upa.

Não deixe que o seu pensamento amaldiçoe o autor deste trilho (que tanto gosta de subidas) e olhe para trás e veja a vista magnífica que tem sobre a albufeira e logo certamente uma onda de reconciliação varrerá a sua alma. Deixe então que o seu olhar atravesse a albufeira e se fixe nos dois enormes picos que do outro lado e do alto miram a lagoa. São as Penhas Douradas, duas meninas a quem os pastores chamam Rasa e Ângela, e que dão o nome a este lugar tão especial. Porquê Douradas? Porque ao pôr-do-sol, nos dias longos do Verão, a luz quente do fim do dia aloira os tons negros daquelas rochas...

Deixemo-nos de poesia e upa, upa de “mariola” em “mariola” até à Mãe de todas elas, uma mariola gigante com quase três metros de altura que vamos encontrar um pouco mais acima. Dizem ter sido construída por pastores para se poderem orientar a partir de grandes distâncias. Mas é também um local onde os pastores se reuniam para organizar as transumâncias. Daí a importância desse marco.

Fique um pouco junto a essa “mariola” e veja pela última vez a lagoa, pois agora o trilho vira-lhe as costas.

Vá andando, curvando ligeiramente à direita, adiante penetra num bosque. Siga atentamente as marcas e as “mariolas”, sempre subindo suavemente. Toda esta área que agora atravessa foi devastada pelo aterrador incêndio de 15 de Outubro de 2017. As plantas e arbustos crescem das cinzas e os pinheiros lutam para sobreviver... é a força da natureza da nossa Serra!

Siga subindo por entre bosques e as marcas que irão levá-lo a um estradão onde deverá seguir pela direita (finalmente temos um caminho decente...). Mais à frente encontrará afloramentos rochosos, está num local conhecido pelo Corgo das Mós. Presumimos que a forma de alguns poios, semelhantes a mós, terá ditado o nome ao sítio. O estradão leva-o de novo às Penhas Douradas.

PERCURSO PEDESTRE

VOLTA DAS PENHAS DOURADAS

Duração: 4 Horas

Grau de Dificuldade: Fácil

Tipo de Percurso: Circular



Chegado a uma rotunda, que por aqui chamamos a “raquete”, retome a estrada de alcatrão que tem em frente, seguindo as marcas amarelas que deixaram as “mariolas” para passarem a poisar nos postes da EDP. Do lado direito da “raquete”, tem a famosa Casa da Água de que já falámos. Se ainda tiver paciência, pode ir vê-la e subir ao poio enorme que a protege, dando um último olhar à lagoa do Vale do Rossim. Daí, olhando para o caminho que o fez chegar à rotunda, reconhecerá uma rocha na forma de um temível torpedo e do lado direito deste uma formação rochosa curiosa que se parece com um perfil de uma cara de um índio, nariz bem adunco incluído...Falta-lhe a pena...

Regresse à estrada de alcatrão que o leva ao local de início do seu percurso.

Vai poder ver mais algumas casas muito interessantes da Penhas Douradas. Ao descer a estrada, terá uma curva à esquerda. Olhe para o seu lado direito e bem lá no topo, entre rochas, poderá avistar o ponto mais alto da Serra da Estrela, a Torre. Mais abaixo, do lado esquerdo da estrada, vai encontrar outra construção troglodita, em melhor estado que a do já conhecido César Henriques. Um pouco mais à frente do seu lado esquerdo um pedregulho enorme dá pelo nome de “cabeça do preto”. A construção antiga que ali vê, mesmo abaixo da dita carranca, foi em tempos um conhecidíssimo e famosíssimo hotel das Penhas Douradas, o Hotel Pensão Montanha, construído em 1903, para dar seguimento ao tratamento da tuberculose e outras terríveis enfermidades segundo as práticas do Sanatorium Schatzalp de Davos-Platz na Suíça (é mesmo com dois esses...), conforme se pode ler no prospecto do dito hotel “que oferece melhores comodidades e condições higienicas, que tem um serviço de meza variado e abundante, superior ao de todas as outras casas congéneres, magníficas galerias de cura e iluminação a acetylene...”.

Aí convalesceu gente famosa acometida pela terrível enfermidade, como foi o caso de Álvaro Cunhal, que viveu muitos e muitos anos, prova mais que evidente da eficácia das referidas práticas suíças bem acolitadas pelos dos ares purificadores das Penhas Douradas...

Se se sentir ainda com forças suba ao heliporto, mesmo antes de chegar à Casa, que se situa por cima do parque de estacionamento, do outro lado da estrada. O acesso faz-se por um caminho com alguns metros apenas que nasce no aterro junto à Casa. Do heliporto pode observar todo o planalto beirão, o vale do Mondego (motivo para outro percurso magnífico), a Guarda e... à noite...as estrelas.